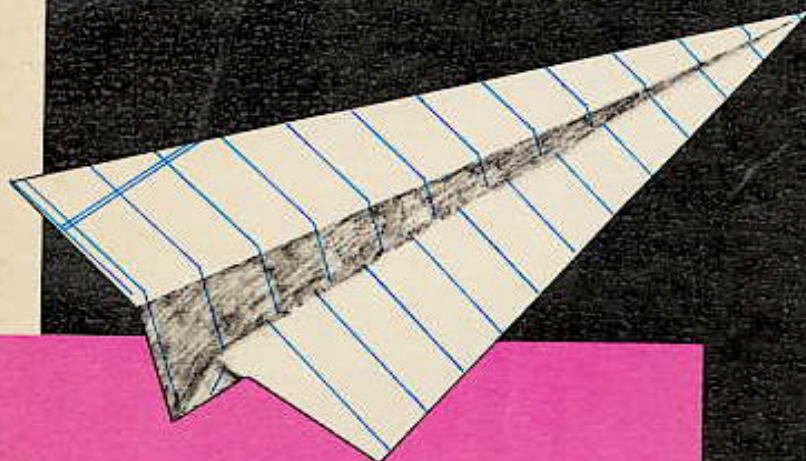


# MEDO E OUSADIA

*O cotidiano do professor*



PAULO FREIRE e IRA SHOR



 PAZ E TERRA  
EDUCAÇÃO

**MEDO E OUSADIA**

**O Cotidiano do Professor**

Coleção: Educação e Comunicação  
Vol. 18

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Shor, Ira

S562s

Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire;  
tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. –  
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

(Coleção educação e Comunicação, v. 18)

1. Professores. I. Freire, Paulo, 1921- II. Lopez, Adriana. III. Título.  
IV. Série

86-0963

CDD - 371.144

CDU – 378.124

EDITORA PAZ E TERRA

*Conselho Editorial*  
Antonio Candido  
Celso Furtado  
Fernando Gasparin  
Fernando Henrique Cardoso

IRA SHOR  
PAULO FREIRE

**MEDO E OUSADIA**

**O Cotidiano do Professor**

Tradução de Adriana Lopez  
Revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira



PAZ E TERRA

*Copyright by Ira Shor e Paulo Freire*

Capa: Isabel

Revisão: Maria Luiza Favret  
Jorge Ariovaldo de Jesus

Composição: Intertexto

Direitos adquiridos pela  
EDITORA PAZ E TERRA S/A  
Rua São José, 90 – 11.º andar  
Centro – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: 221-4066  
Rua do Triunfo, 177  
Santa Ifigênia – São Paulo – SP  
Tel.: 223-6522

1987

---

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

## SUMÁRIO

Prefácio .....	7
Agradecimentos .....	9
Prefácio - O sonho do professor sobre a educação libertadora .....	10
1 - Como pode o professor transformar-se num educador libertador? De que modo a educação se relaciona com a mudança social? .....	18
2 - Quais os temores e os riscos da transformação? .....	38
3 - Existe estrutura e rigor na educação libertadora? As classes dialógicas tornam iguais os professores e os alunos? .....	51
4 - O que é "método dialógico" de ensino? O que é uma "pedagogia situada" e <i>empowerment</i> ? .....	64
5 - Existe uma "cultura do silêncio" nos EUA? Os alunos norte-americanos, vivendo numa democracia abastada, precisam de "libertacao"? .....	77
6 - Como podem os educadores libertadores superar as diferenças de linguagem existentes entre eles e os alunos? .....	89
7 - O sonho da transformação social: Como começar segunda-feira de manhã? Temos o direito de mudar a consciência dos alunos? .....	104
Bibliografia selecionada .....	113

## PREFÁCIO

Estimado Paulo,

Tive o grande prazer de ser uma das primeiras leitoras da edição em português desta sua obra, em co-autoria com Ira Shor.

Senti-me muita estimulada e identificada com o conteúdo deste livro. Por ter o privilégio de trabalhar ao seu lado, nos Seminários que você dirige no Curso de Pós-Graduação em Supervisão e Currículo da PUC/SP, pude ver descrito e cuidadosamente analisado o seu trabalho na Universidade, desde sua volta ao Brasil.

Encontrei, ao longo dos capítulos, as questões que os nossos alunos, turma após turma, lhe propõem. Deparei-me também com as respostas que você, com paciência pedagógica, tem construído e colocado em discussão. Porém, nos depoimentos apresentados neste livro, não há um simples arrolamento das posições que você tem expressado em Seminários. Notei sim, coerentemente com o que você propõe a respeito da construção do conhecimento, um conjunto de reflexões recriadas à luz das indagações e discussões argutas do jovem professor da City University of New York, seu brilhante interlocutor.

Foi surpreendente notar que as perguntas dos educadores brasileiros em torno da educação libertadora são coincidentes com aquelas expostas pelos professores norte-americanos. Ira Shor, ao colecionar as dúvidas de professores ao longo dos Estados Unidos e dispondo-se a discutí-las com você, tendo como pano de fundo as características culturais de cada um dos países trouxe à tona a potencialidade, dimensão e possibilidades da educação libertadora, para além das fronteiras do Terceiro Mundo. Este livro propõe um sério desafio a todos aqueles professores, do 1.º Grau à Universidade, que querem assumir o compromisso com uma sociedade mais justa, desenvolvendo a sua ação pedagógica dentro e fora da escola conhecendo, porém, os limites da educação no conjunto geral das práticas sociais. Mais do que um convite e um desafio a uma educação transformadora, encontrei nos seus depoimentos e nos de Ira, um caminho para aqueles professores que estão dispostos a fazer a trajetória transformando-se de um "professor transmissor" em um "professor libertador".

Na análise dessa caminhada defrontei-me com o tratamento dos temas que estão necessariamente no bojo do pensar sobre a educação libertadora. A natureza da educação como ato político, as possibilidades e os limites da educação, a relação desta com a transformação social, a importância do trabalho do professor na escola, a necessidade da atuação pedagógica a nível da educação formal e informal, as características do método dialógico, temas tratados em alguns momentos anteriores de sua obra, adquiriram neste livro um significado especial. Estão recriados com o crivo de sua própria crítica e acrescidos de clareza, concretude e aprofundamento cada vez maiores.

Acredito, Paulo, que dentre as discussões contidas no texto, uma delas é de singular relevância para os educadores brasileiros. Ela está no fato de que este trabalho poderá dirimir muitas das percepções equivocadas sobre o seu pensamento no que diz respeito às possibilidades da educação libertadora no contexto escolar. Você e Ira demonstram não somente que isso é possível mas, principalmente, necessário.

A partir dessa posição, bastante bem explicitada, os educadores poderão apreender as concepções fundamentais sobre o currículo numa perspectiva libertadora.

Mais de uma vez você tem destacado que a principal função do currículo é desocultar a ideologia dominante. Desta vez, porém, as propostas concretas sobre como trabalhar com os objetos do conhecimento reconstruindo-os numa perspectiva crítica, a partir da cultura do aluno, como expressão de classe social, são retomadas de uma forma bastante profunda e clara. Creio que não restarão dúvidas a respeito do método dialógico utilizado para conhecer e reconstruir o conhecimento, e nessa perspectiva ficou mais uma vez demonstrado que essa proposta, ao contrário de ser espontaneísta, como muitas visões míopes interpretam, propõe-se rigorosa e com horizontes bem definidos.

Finalmente, Paulo quero afirmar que percebo este livro extremamente oportuno no momento atual da política e da educação brasileira.

Sinto que Elza não acompanhe a repercussão positiva que ele certamente terá.

*Ana Maria Saul*



## AGRADECIMENTOS

Este livro foi feito da seguinte forma: primeiro, Ira propôs um livro-diálogo em Amherst em fevereiro de 1984, onde Paulo fazia uma residência na Universidade de Massachusetts. Nos reunimos novamente em Ann Arbor, em março, e em Nova Iorque, em maio, para repassar a agenda das questões sobre as quais falaríamos. Depois, em julho, nos reunimos em Vancouver, onde Paulo ministrava um seminário sobre Educação Adulta, na Universidade de British Columbia. Em Vancouver falamos durante oito dias em sessões que duravam três horas cada uma, gravando as conversas. Ira levou as fitas para Nova Iorque e preparou a transcrição. Nos reunimos novamente durante dois fins de semana em Amherst, em fevereiro e março de 1985, para editar o manuscrito e gravar algumas coisas mais. Depois disso, Ira esboçou uma transcrição, e nos encontramos duas vezes, em julho de 1985, em Massachusetts, para terminar de editar o manuscrito.

Gostaríamos de agradecer a algumas pessoas que nos ajudaram a fazer este livro. Em Vancouver, Paz Buttedahl nos cedeu preciosamente o espaço para fazer as gravações enquanto o seminário que ela organizava com Paulo transcorria. Yam-Tow Shamash, da Universidade de British Columbia, nos socorreu com fitas, um gravador profissional e cópias, feitas durante a noite, das fitas que terminavam. Herb Perr, de Hunter College, foi nosso fiel homem do som durante as gravações. Ya-Ya Andrade, da Universidade de British Columbia, nos ajudou nas traduções do português durante as sessões. Cynthia Brown, Nan Elsasser, Patrícia Irvine, Frances Goldin e Arthur Haznin, também, leram rascunhos da transcrição e nos auxiliaram imensamente com suas críticas.

*Ira Shor / Paulo Freire. Setembro de 1985.*

## PREFÁCIO

### O SONHO DO PROFESSOR SOBRE A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

**IRA.** Em primeiro lugar, gostaríamos de dizer por que optamos por fazer um livro deste tipo. Discutiremos questões freqüentemente colocadas por professores a propósito da educação “libertadora” ou transformadora.

Preparei uma agenda de questões levantadas por professores interessados pela mudança social e pelas classes libertadoras, questões concretas que os professores enfrentam na recriação da escola e da sociedade. Essas questões abrangem muita coisa: O que é ensino libertador? Como é que os professores se transformam em educadores libertadores? Como é que começam a transformar os estudantes? Quais os temores, os riscos e as recompensas da transformação? O que é ensino “dialógico”? Como devem os professores falar num discurso libertador? Uma classe libertadora tem rigor, autoridade e estrutura? Os professores e os alunos são iguais num programa libertador? De que modo a educação libertadora se relaciona com a transformação política, dentro da sociedade como um todo? Este processo pode ser aplicado em outros cursos, além dos de alfabetização e comunicação? Como se pode transmitir conteúdos através de um método de diálogo? Como os professores libertadores utilizam as provas e os textos? O que quer dizer *empowerment*\*? Podemos aplicar no Primeiro Mundo uma pedagogia do Terceiro Mundo? Como os temas raça, sexo e classe se enquadram no processo libertador?

Essas questões têm sido muitas vezes colocadas durante cursos que tivemos com professores no exercício do magistério. Elas serão pontos importantes de nossa conversação. Não possuímos todas as respostas, nem conhecemos todas as perguntas que deveriam ser feitas. Mas estamos decididos a dar continuidade, aqui, a um diálogo que ocorre com freqüência sobre a teoria e a prática da pedagogia dialógica.

A maior parte dos que trabalham em salas de aula sabe que a docência exige muito de nós. É, também, uma atividade muito prática, embora tudo que ocorre em classe seja a ponta de um *iceberg* teórico. Mas os professores se interessam mais pela prática do que pela teoria. Apesar de toda prática ter um fundamento teórico e vice-versa, a maioria das pesquisas em educação não é de muita ajuda nas horas agitadas da sala de aula concreta. Os professores enfrentam aulas demais, alunos demais, e controle administrativo demais de tal modo que a necessidade de alguma coisa que funcione em classe é muito maior do que uma aparente necessidade de teoria. Entretanto, as preocupantes falhas do sistema escolar exigem novas idéias. Até mesmo professores sobrecarregados de trabalho têm curiosidade a respeito de alternativas. Querem saber como usá-las em classe, se o método do diálogo pode ser importante em sala de aula.

Perguntas semelhantes são feitas por professores sobre as alternativas libertadoras. Isto é bom, mesmo porque muitos professores enfrentam as mesmas questões ao mesmo tempo. Se estabelecermos com eles um diálogo através deste livro, começamos pelos problemas e pelos dados amplamente reconhecidos e fundamentados na realidade premente da docência. Parece-me ser essa a utilidade deste nosso livro falado.

Assim, há alguns meses, sugeri ao Paulo que mantivéssemos um diálogo. Ele achou que era uma boa idéia.

**PAULO.** Acho válida a idéia de fazer um livro falado, e não escrito. Este livro falado me interessa por diferentes motivos. A questão, para você e para mim, é se seremos capazes de introduzir neste diálogo os possíveis leitores desta conversa. Isto vai depender do dinamismo de nossa discussão. Outro aspecto interessante é que um livro deste tipo pode ser sério sem ser pedante. Podemos tratar das idéias, dos fatos e dos problemas, com rigor, mas sempre num estilo leve, próximo ao dos dançarinos, um estilo amistoso.

---

\* Devido à riqueza da palavra *empowerment*, que significa A) dar poder a, B) ativar a potencialidade criativa, C) desenvolver a potencialidade criativa do sujeito, D) dinamizar a potencialidade do sujeito, manteremos a palavra no original e em grifo.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

